

REVISTA ESCOLAR

ORGAM DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ANNO I

S. PAULO - 1.º de Outubro de 1925

N.º 10

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Direcção:

Largo do Arouche, 62

Redactor-director:

Prof. J. Pinto e Silva

Redactor-auxiliar:

Prof. Dr. José Veiga

SUMMARIO:

Revista Escolar.

- LIÇÕES PRATICAS:** 1 — Linguagem. 2 — Arithmetica. 3 — Geometria. 4 — Geographia. 5 — Physica. 6 — Systema metrico. 7 — Educação moral. 8 — Hygiene. 9 — Zoologia. 10 — Educação civica.
- PEDOLOGIA:** 1 — A imaginação e suas variedades na criança. 2 — Evolução psychica da criança.
- LIÇÕES DE COISAS:** 1 — O giz. 2 — O bambú. 3 — A canfora. 4 — O lapis. 5 — O cimento. 6 — O verniz. 7 — A iluminação. 8 — A ceramica. 9 — O arco-iris. 10 — A caneta.
- QUESTÕES CERAES:** 1 — Palestras sobre ensino. 2 — Instruir-se pela leitura.
- LITERATURA INFANTIL:** 1 — Monologo. 2 — Amigos. 3 — O vento e o sol. 4 — O sacy-pererê. 5 — O primeiro gymnasio. 6 — Os amigos da agricultura. 7 — Mãe e filho. 8 — O jardim da vovô. 9 — A fada e o lenhador. 10 — Mestres.
- NOS ARRAIAES DO ENSINO:** 1 — Do espirito philosophico no ensino.
- VULTOS E FACTOS:** 1 — Oswaldo Cruz.
- PAGINA DA CRIANÇA:** 1 — Exercicios de raciocinio.
- METHODOLOGIA:** 1 — Processo educativo.
- MUSICAS E CANTOS ESCOLARES:** 1 — Côro dos pescadores.
- EDUCAÇÃO PHYSICA:** 1 — Jôgos escolares.
- NOTICIAS:** 1 — 7 de Setembro. 2 — Festa das arvores. 3 — A instrucção publica no Estado de S. Paulo, segundo a ultima reforma.
- SECRETARIA DO INTERIOR:** 1 — Actos diversos.

S. PAULO - Brasil

1925

— Quem toma *café com pão*, que especie de café toma?

— Levante a mão quem sabe.

— Diga você, Lucy.

— Certamente: num caso, toma *café sem mistura*, ou *café simples*; noutro caso, toma *café com mistura*, ou *café composto*.

Pois o mesmo se dá com as sentenças: num caso, digo só que — *O gato mia*; noutro caso, digo que — *O gato mia e dorme*.

— Que nome havemos de dar a esta sentença — *O gato mia* — que tem só uma affirmação?

— Chamar-se-á, como no caso do *café sem pão*, uma sentença . . . como?

— Certamente: chamar-se-á *sentença simples*.

— Que nome terá, Jandyra, esta sentença — *O gato mia e dorme*? Será simples também?

— Exactamente. Não é simples. Chama-se . . . como?

— De certo. Chama-se *composta*, pois se dizem duas coisas do gato.

Bem. Por hoje, basta. Continuaremos na proxima lição.

Para amanhã tragam-me, como exercicio feito em casa, uma lista com seis sentenças, sendo tres simples e tres compostas.

ARITHMETICA

FRACÇÕES DECIMAES

I

O valor e a importancia da fracção decimal são indiscutíveis. O seu uso generalizado tem tido um effeito notavel sobre certas outras partes da Arithmetica. Tem diminuido a importancia de assumptos taes como “Maximo Divisor Commum” e “Minimo Multiplo Commum”; tem, emfim, simplificado consideravelmente muitos calculos.

(Cada alumno terá sobre a carteira uma tesoura e um pedaço de papel de um decímetro quadrado. Esse papel deverá ser riscado, no sentido horizontal, em centímetros.)

Professor. — Um fazendeiro quiz dividir sua fazenda entre os seus dez filhos. Este papel que aqui temos representa a fazenda. Vamos dividil-a.

A. — O papel está riscado em dez partes eguaes; é só cortal-o pelos riscos.

A. — Agora são dez fazendas.

A. — Pequenas assim! São dez pedaços da fazenda.

P. — Cada pedaço destes, que parte é da fazenda toda?

A. — É a *decima parte*.

P. — Muito bem: é a *decima parte* ou um *decimo*. Si dividirmos uma peça de renda em partes eguaes, cada parte será o que da peça toda?

A. — Um *decimo* da peça.

P. — Respondeu bem... Supponhamos que o fazendeiro desse a um dos filhos *duas partes* da fazenda. Quanto receberia esse filho?

Mostre-nos, com as tiras que você cortou, Armando.

A. — (Mostrando.) Teria estas duas partes.

P. — Cada tira, cada parte, quanto é?

A. — É um *decimo*. Ah! ... esse filho teria *dois decimos* da fazenda toda.

P. — Justamente. E sete tiras, Antonio, que parte do quadrado são?

A. — (Mostrando.) Sete tiras são *sete decimos*.

P. — E tres partes, Alvaro?

A. — Tres são *tres decimos*.

P. — Si você, Augusto, quizer escrever 1 fazenda, 7 fazendas, 3 fazendas, que algarismos usará? Escreva.

A. — (Escreve.) 1, 7, 3.

P. — Quando queremos representar com algarismos, um *decimo* da fazenda, um *decimo* da peça de renda etc, escrevemos .1.

A. — É preciso a virgula?

P. — Sim, senhor. Esta virgula é a parte mais importante. É chamada *virgula decimal* e separa os inteiros das partes fracionarias. Todo algarismo que estiver á direita da virgula é *sempre pedaço, parte, fracção*.

A. — E á esquerda?

P. — A esquerda vêm os inteiros, quando os houver.

Lembram-se com certeza da lição das *casas dos algarismos*, não se lembram?

A. — Eu me lembro, professor.

A. — *Unidades, dezenas, centenas*.

A. — Eu aprendi isso no primeiro anno.

P. — Ainda bem que você se lembre do que aprendeu no primeiro anno. Pois os pedaços, as partes, as fracções, tambem têm casas.

A. — Tambem são unidades, dezenas, centenas?

P. — Não. Aqui todas as casas têm nomes differentes.

A. — Então, é mais difficil.

P. — Hoje aprenderemos que esta primeira casa á direita da virgula, esta primeira *casa decimal*, chama-se *casa dos decimos*.

A. — Ah! Essa nós já aprendemos, quando dividimos a fazenda.

P. — Venha Arthur mostrar-me um *decimo* da fazenda.

A. — (Mostra.)

P. — Agora, escreva um *decimo*.

A. — Prompto: .1.

P. — Arnaldo, mostre primeiro, e depois escreva *nove decimos*.

A. — (Mostra e escreve.) .9. É quasi a fazenda inteira.

P. — Quanto falta para sêr toda?

A. — Falta (mostra) este um *decimo*.

P. — Agora, eu vou escrever e vocês vão lêr. (Escreve diversos decimos.)

**

(Depois que o alumno tiver concepção clara da fracção decimal, muito tempo deve sêr gasto na sua leitura e escrita.)

P. — (Pegando um quadrado inteiro.) Certo homem possuía esta fazenda inteira, e comprou do vizinho, que tinha uma fazenda igual, *um decimo*. Com quanto ficou o comprador?

A. — Com uma fazenda e um decimo.

P. — Escreva o algarismo que representa *uma fazenda*.

A. — (Escreve.) 1.

P. — Agora, a essa fazenda, (mostrando o algarismo 1) ajunte o decimo que elle comprou.

A. — (Escreve.) 1,1. E' assim?

P. — Muito bem. Reparem que sempre depois do inteiro diz-se *e*.

(*O professor dará muitos exercicios na leitura e escrita de numeros mistos em que entrem só decimos.*)

(*Continúa.*)

GEOMETRIA

(FÓRMAS)

PRISMA RECTANGULAR

Deixae a criança empregar sua actividade em construir praticamente, applicando a lei psychologica: conhecer, fazendo e fazer, conhecendo."

Professora. — Vejo que já acabaram os cubos de barro. Estarão elles bem feitinhos?

Alumno. — O meu está.

P. — Como sabe que o seu cubo está bem feito?

A. — Está bem feito, porque os seus seis lados são quadrados, bem eguaes. Eu os medi, um por um.

P. — E os angulos são todos rectos?

A. — São, sim, senhora. Si não o fossem, os lados não seriam quadrados.

P. — Muito bem... Traga o seu cubo, Roberto. Vamos cortar-o.

A. — Ah! o meu, não! Porque a senhora não corta um que não esteja bem feito?

P. — Escolhi o seu, justamente por sêr perfeito. Demais, todos vão cortar os cubos. Você tambem vae cortar o seu, para nelle aprendermos uma outra fórma. Tome esta faca.

Quanto mede cada arêsta do seu cubo?

A. — Um decimetro certinho.

A. — Ou dez centimetros.

P. — Quanto medirá a metade?

A. — Cinco centimetros.

P. — Marque 5 centimetros nessa face e 5 nessa outra, que fica opposta. Risque, unindo os dois pontos marcados.

A. — Prompto!

P. — Agora, corte bem certo pelo risco.

A. — Ficaram dois tijolinhos.

P. — Façam vocês todos a mesma coisa, tendo o cuidado de dividir os seus cubos bem pelo meio.

A. — Prompto!

P. — Agora, posição e attenção! Venha Renato achar, ali na nossa caixa de fórmias, uma que seja igual ás nossas fórmias de barro.

A. — Esta é bem igual.

P. — Ricardo, examine bem este sólido que Renato trouxe.

A. — Eu já sei bem como elle é.

P. — Então, feche os olhos. (Entrega a Ricardo um prisma rectangular.) Este é igual áquelle que Renato trouxe da caixa?

A. — E' igual, sim, senhora. Tem a mesma fórma que as nossas metades de cubo.

A. — Eu quero achar um, com os olhos fechados. Posso?

P. — Venha.

A. — (Achando.) E' este.

P. — (Entregando um cubo.) Raul, este sólido é igual á metade do cubo?

A. — (Apalpando.) Este é um cubo inteiro. Todos os lados são quadrados.

P. — Muito bem. Uma vez que conhecem bem a fôrma, vejam que especies de superficies tem este nosso sólido?

A. — São superficies planas; ficam bem direitinhas na mesa, sem rolar.

P. — Sim, são superficies planas, mas, quantas são? Vamos contar e marcar, Romeu.

A. — Como fizemos com o cubo?

P. — Justamente. Mas marque as maiores primeiro.

A. — (Numera as faces á medida que vai falando.) 1 face, 2 faces, 3 faces, 4 faces, 5 faces, 6 faces.

P. — Marquem vocês tambem.

A. — São 6 faces, como o cubo.

A. — Ralphe, leve o seu sólido ao quadro-negro e passe o giz ao redôr das suas faces maiores.

A. — Ao redôr dos numeros 1 e 2? (Risca no quadro-negro ao redôr das duas faces quadradas.) Estas duas superficies são quadradas.

P. — Raphael, venha riscar ao redôr das outras.

A. — Das outras quatro? (Risca.)

P. — São quadradas as suas superficies?

A. — Não são bem quadradas.

P. — Porque não o são? Não têm os angulos rectos?

A. — Têm, sim, os angulos rectos, mas os lados não são eguaes. Dois são bem mais compridos.

A. — São *quadrados compridos*.

P. — Mostrem-me alguma coisa na sala que tenha essa fôrma.

A. — O quadro-negro.

A. — As paredes.

A. — O tecto.

A. — O soalho.

A. — A folha do caderno.

P. — Basta, basta. Este *quadrado comprido*, como disse o Julio, chama-se *rectangulo*. Dizemos que estas 4 superficies são *rectangulares*, porque têm a fôrma de *rectangulos*.

Rodolpho vai nos dizer tudo quanto aprendeu a respeito das superficies deste sólido.

A. — Elle tem 6 superficies: 2 quadradas eguaes (mostrando) e 4 rectangulares tambem eguaes.

P. — Venha, Rubens, contar as aréostas.

A. — As quinas? (Conta e marca.) 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 12 aréostas.

P. — Meça as aréostas, Paulo.

A. — (Mede, mostrando.) Estas 8 são eguaes.

P. — Quanto mede cada uma?

A. — Dez centímetros.

P. — Agora, você mesmo, meça as outras.

A. — (Mede.) Estas 4 têm cada uma 5 centímetros, a metade.

P. — Roberto, diga tudo o que sabe das aréostas.

A. — Este sólido tem 12 aréostas rectas, sendo 8 eguaes, e medindo as outras 4 (que tambem são eguaes) a metade do comprimento das maiores.

P. — Conte, Renato, os cantos.

A. — (Contando e marcando.) Tem 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 cantos eguaes.

P. — E angulos?

A. — Tem angulos nos 6 lados. Cada lado tem 4 angulos rectos.

P. — Sim, senhor, muito bem!

A. — Falta aprender como se chama o sólido.

P. — Este sólido, a metade do cubo, chama-se *prisma rectangular*.

A. — Que nome difficil!

A. — Difficil nada! E' só a gente se lembrar de *prisma Rectangular*, já aprendemos: é o que tem esta fôrma. (Mostrando os rectangulos do prisma.)

P. — Vamos dizer nomes de coisas que têm a fôrma de *prisma rectangular*.

A. — Caixinhas.

A. — Dictionarios.

A. — Pedras.

- A. — Rapaduras.
 A. — Borrachas.
 A. — Tijolinhos de doce.
 A. — Ladrilhos.

GEOGRAPHIA

ESTRADAS DE FERRO

IV

ESTRADA DE FERRO SOROCABANA

As crianças devem merecer toda a nossa atenção e o nosso carinho; porisso precisamos instruil-as usando dos methodos mais perfeitos, claros, praticos e interessantes, para educal-as sem as maltratar.

O ensino da Geographia será um fantasma horrivel para os alumnos, si o professor não o souber ministrar. Tornal-o o mais pratico possivel, é fazelo facil e agradavel ás crianças.

Professor. — Que dia da semana é hoje, Noé?

Alumno. — Hoje é sabbado.

P. — Então, é o dia da distribuição dos premios de comportamento, applicação e assuiduidade, que lhes prometti, não é verdade? Assim fazendo, creio eu que nada mais lhes devo, não acham?

A. — Perdão, professor, mas o Sr. ainda nos deve uma coisa...

P. — Eu?! Que coisa será essa?!

A. — O Sr. nos disse, a semana passada, que si nós fossemos bomzinhos, havia de fazer uma viagem connosco todos os sabbados.

P. — E' verdade. E vocês acham que são bomzinhos?

SYSTEMA-METRICO

II

O DECIMETRO

Ensine-se o decimetro, o centimetro etc, primeiro como medidas, e só depois de bem estudados, poderão sêr reconhecidos como partes do metro.

Alumno. — Não vamos mais brincar de loja?

Professora. — Vamos, sim. Tire, Armando, o sortimento do armario e arranje bem direitinha a loja.

A. — (Tira.) A loja está installada.

P. — Desta vez será o Arthur o dono da loja. Eu sou a mãe e vou-lhes mandar á loja.

A. — Que bom!

P. — Eu quero fita para uma gravata. Quanto preciso comprar, Augusto?

A. — Acho que um metro chega.

P. — Então, vá comprar um metro e da côr que você quiser.

A. — (Compra.) Prompto, professora.

P. — Agora, Antonio, eu quero uma fita bem bonita para amarrar no pescoço do nosso cachorrinho. Quanto preciso?

A. — Um metro é muito.

P. — Quanto, então?

A. — Meio metro deve chegar.

P. — Alberto, eu quero um pedaço ainda menor para fazer um marca-livros. Quanto devo comprar?

A. — (Mostrando com os dedos.) Um pedaço *assim*.

P. — Ah! ... mas eu quero saber certinho quanto. Eu não posso ir á loja e dizer ao caixeiro: — dê-me um pedaço de fita *assim* ... Ninguem sabe como deverei dizer?

A. — (?)

P. — (Mostrando.) Este metro é muito. Precisamos ter uma medida menor. (Atravessa a sala andando.) Que devo fazer para saber quanto andei?

A. — Medir.

P. — Com o que?

A. — Com o metro.

P. — Meça, então, Americo.

A. — (Medindo.) A senhora andou 8 metros.

P. — Quanto andou essa mosca que acaba de atravessar o livro de Julio?

A. — Só medindo é que poderei saber.

P. — Com o que?

A. — O metro é muito grande.

P. — E' mesmo. Aqui temos uma pequena medida que nos contará quanto a mosca andou. (Distribue á classe tiras de papel cartão do comprimento de um decimetro.) Diga-me, Augusto, sabe que medida é esta?

A. — Não, senhora.

P. — Vou dizer-lhe: chama-se *decimetro*. Agora tomem os seus decímetros e examinem-nos bem. Vejam o seu comprimento. Venha Aristides medir quanto andou a mosca, quando atravessou o livro.

A. — (Medindo.) Andou certinho 2 decímetros.

P. — Todos agora ponham seus cartões sobre o papel e risquem um decimetro.

A. — Prompto.

P. — De que comprimento é essa linha que você traçou?

A. — Tem um decimetro de comprimento.

P. — Venha Arnaldo ao quadro-negro fazer, sem o cartão, uma linha de um decimetro de comprimento.

A. — (Traça.)

P. — Vá buscar o seu decimetro, a sua medida, para vêr si está certa a linha.

A. — (Verificando.) Falta um pouquinho.

P. — Apague e faça outra.

A. — (Faz e verifica.) Está certinha desta vez.

P. — Agora, que conhecemos a medida pequena...

A. — O decimetro?

P. — Justamente. Podemos comprar o pedacinho de fita que queríamos para o marca-livros.

A. — Um decimetro é pouco. Serão precisos dois decímetros.

P. — Agora sim, você irá á loja e dirá o que quer.

A. — Eu quero comprar dois decímetros desta fita.

(Continuar-se-á a venda dos diferentes artigos aos decímetros, insistindo-se que a medição seja exacta! Póde-se depois medir diferentes objectos pequenos para se lhes conhecer o tamanho em decímetros.

Só então far-se-á uma linha com dez decímetros e mandar-se-á um alumno verificar que é o metro.)

EDUCAÇÃO MORAL

OBEDIENCIA

Mais importante do que a educação physica e intellectual da criança, é, por certo, a sua educação moral, cujos fins são mais elevados e mais nobres do que os que interessam ao corpo e á mente.

O professor precisa attender ao processo da formação e conservação da natureza moral. Tudo de mais bello no caracter precisa sêr desenvolvido e bem cuidado.

Professora. — Repita a sua maxima, Alvaro.

Alumno. — "Aquelle que aprendeu a obedecer saberá commandar."

P. — Qual é o significado dessa maxima? o que quer ella nos ensinar?

A. — A obedecer.

P. — Sim, a obedecer. E como é difficil ás vezes obedecer! Entretanto, saibam vocês que a obediencia é a lei mais natural que existe. Tudo e todos, na natureza, obedecem.

A. — Como assim?